

O PESQUISADOR QUE A MÍDIA ESQUECEU

Edgard Steffen*

Patologista, muito dedicado ao trabalho – fazia duas ou três necropsias por dia, inclusive à noite –, estava autopsiando mulher obesa falecida de tuberculose. À medida que realizava os procedimentos, conversava com os que assistiam seu trabalho na sala de autópsias. Ao levantar o plastrão externo, perfurou a pleura. Dela, esguichou material sero-purulento. O empiema estava sob tal pressão que o jato, violento e rápido, não deu tempo ao jovem médico recuar e desviar a cabeça; além de sujar o avental e o rosto, quantidade considerável daquele material rico em bacilos de Koch atingiu a boca e o nariz, sendo deglutido e aspirado. O fato de estar falando contribuiu para a deglutição e aspiração.

O médico gozava perfeita saúde. Mas, a velha equação – doença infecciosa igual à quantidade de inóculo vezes virulência dividido pela resistência – funcionou no episódio: Dois meses após o acidente de trabalho, o pesquisador viria a falecer de “tuberculose galopante”, denominação dada à tuberculose de rápida disseminação, comprometendo muitos órgãos, inclusive o sistema nervoso central e as meninges.

Com 29 anos de idade e menos de seis anos de formado, o acidentado era livre-docente na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, já produzira 22 trabalhos científicos e fora convidado, por Oswaldo Cruz, a substituir Rocha Lima no Instituto Manguinhos.

Entre as vinte duas obras produzidas, algumas eram de tanta importância que poderiam ter dado à Medicina Brasileira o Nobel de Medicina e Fisiologia. O infortunado necropsista fora quem descrevera as formas em leishmânia (amastigotas) do *Trypanozoma cruzi* aninhadas na intimidade das células, multiplicando-se e dando origem às

formas flageladas (tripomastigotas) descobertas por Carlos Chagas.

Outro trabalho seu identificava o agente etiológico da ferida brava, que grassava entre operários que trabalhavam na abertura de ferrovia na região noroeste do Estado de São Paulo. Mostrou que o protozoário causador da grave doença era diferente da *Leishmania tropica*. Descreveu o causador da leishmaniose cutâneo-mucosa com o nome de *Leishmania braziliensis*. Em outro trabalho, demonstrou que o tártaro emético (antimonial proscrito da farmacopéia por ser muito tóxico), diluído a 1% em soro fisiológico, podia ser aplicado por via endovenosa e curava a doença. Até nossos dias, antimoniais são usados na cura das leishmanioses.

A mídia conhece e, por várias vezes, vimos programas e noticiários de televisão contar a história do estudante de Direito que inventou o sanduíche que leva o nome da cidade-natal do futuro advogado. Nunca surpreendemos matéria sobre o médico que descreveu o parasito da Úlcera de Bauru; cientista brasileiro que, ao introduzir o Tártaro emético no tratamento da leishmaniose tegumentar americana, acabou salvando milhões de pessoas acometidas pelo kalazar (leishmaniose visceral) na Europa, Ásia, África e na própria América.

Gaspar Oliveira Vianna nasceu em Belém (Pará), aos 11 de maio de 1885, viria morrer aos 14 de junho de 1914, vítima de raríssimo acidente de trabalho que o transformou em mártir da Medicina.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v.9, n. 2, 2007

*Médico pediatra